

Tarcísio Burity: cultor da música erudita e compositor.

Senhor presidente da Academia Paraibana de Letras, acadêmico Joacil de Brito Pereira.

Dignas autoridades.

Ilustres acadêmicos.

Minhas senhoras, meus senhores.

Senhora Glauce Navarro Burity e demais familiares do homenageado.

Honra-me e sensibiliza-me estar aqui ocupando a tribuna desta venerável Casa na qualidade de um dos participantes do painel de palestras organizado em homenagem ao Acadêmico Tarcísio de Miranda Burity, que se ausentou, recentemente desta vida, deixando vaga a cadeira nº 26, que tem como patrono o Padre Rolim, como fundador o Monsenhor Pedro Anísio e como primeiro ocupante o cônego Mathias Freire. Três ilustres batinas que muito honraram a cultura paraibana.

O ex-seminarista, portanto, se sentia muito à vontade como segundo sucessor da cadeira 26. Ele, que era um religioso, um homem profundamente identificado com a fé católica, embora jamais derivasse para o fanatismo. Sempre manteve uma atitude coerente e equilibrada no exercício de sua crença, a que não faltaram o espírito ecumênico e um profundo respeito às idéias alheias.

É, portanto, profundamente gratificado que aceitei o honroso convite desta Casa para integrar o grupo de expositores que ora abordam diversos aspectos da personalidade de Tarcísio de Miranda Burity, sem favor, um dos nossos varões de Plutarco.

Coube-me a tarefa de falar sobre Tarcísio o cultor da música erudita e compositor.

Mas antes deixem-me divagar um pouco, dar asas à imaginação e avistar o seminarista adolescente, correndo pelo pátio interno do Seminário Arquidiocesano, junto do Convento de Santo Antônio, cuja arquitetura barroca tanto influenciou o seu espírito, notadamente a fonte, que ele, mais adiante, haveria de rememorar no seu discurso de posse nesta Academia.

Mas o que é a arquitetura, senão “música petrificada” como definiu o grande Goethe? Diríamos que assim como a escultura é a humanização da pedra, a arquitetura é a sua musicalidade.

O garoto seminarista, sem dúvida, se impregnou da transcendente beleza daquele espaço sagrado. E que dizer da música sacra, que vinha das missas cantadas, dos réquiens que ele ouvia num quase estado de êxtase?

Afinal, o que é a verdadeira música senão uma religião? Uma religião sem dogmas, sem sacerdotes, sem rituais. Beethoven, ao compor, já bastante surdo, a sua Nona Sinfonia, transformou-a num verdadeiro sermão de alegria e fraternidade universal. Nunca uma partitura refletiu com tanta fidelidade a presença divina.

Tarcísio Burity, filho do grande mestre Luiz Gonzaga Burity, respeitado lente do tradicional Liceu Paraibano, onde lecionava latim, recebeu daquele pai extraordinário muitos ensinamentos. E teve nele um pai de família exemplar, um espelho para se mirar, um modelo para se inspirar na luta pela vida.

O menino foi crescendo, tornou-se adulto, e movido por uma forte sede de saber, enfrentou os desafios da existência e saiu-se bem nessa luta. Conseguiu satisfazer a sua vocação para os estudos do Direito. Tornou-se um respeitado jurista. De Genebra, onde se aperfeiçoou nos altos estudos jurídicos, ele veio para a Paraíba, e na Faculdade de Direito de nossa Universidade, iniciou o exercício do magistério.

Foi depois eleito diretor daquela Escola. E, decerto, caminhando pelos corredores da Faculdade, em cujo prédio funcionou por muito tempo um convento de jesuítas, ele se lembrou do pátio da Fonte de Santo Antônio e da arquitetura barroca.

A verdade é que Tarcísio Burity foi homem de muitos ideais e de muitos projetos. Não quis se limitar apenas à cátedra. Buscou e encontrou novos caminhos para a realização de suas aspirações.

É, por isso, que ao ver o seu corpo imóvel na Igreja do Carmo, por ocasião do velório que ali se realizava, pus-me a refletir: como a vida é surpreendente! Como algumas situações nunca dantes imaginadas. E a idéia de um Tarcísio morto, em posição horizontal, me pareceu absurda. Nunca ele me pareceu tão vivo, tão presente naquele doloroso instante.

Tarcísio Burity, o estudioso do Direito, o filósofo, o homem de pensamento, o apaixonado pela música erudita, não resistiu à tentação da política. E tinha tudo para se tornar um grande estadista ou parlamentar. Cultura, disposição para a luta, palavra fácil e convincente e um desejo enorme de ser útil à comunidade. Meteu-se na política com muito arrojo. E no exercício dessa atividade, ele se revelou um autêntico homem público. A política, já me dizia um experientado político, tem as suas grandezas e baixeiras. Tarcísio Burity só pensou nas grandezas.

O renomado missionário Albert Schweitzer, que foi religioso, filósofo, médico e músico, disse, certa vez, que há duas espécies de heróis: o herói da ação e o herói da contemplação ou da renúncia. Ambos são necessários ao mundo. Herói da ação seria um

Napoleão e herói da renúncia ou contemplação seria um Francisco de Assis, um Shakespeare ou um Beethoven.

Onde identificar a personalidade de Tarcísio Burity? Ele foi um homem contemplativo, voltado para os ideais de beleza, ou foi um homem de ação?

Sem dúvida, soube conciliar as duas tendências. Foi um homem de ação e um homem de pensamento. E na política, graças a uma vontade de gigante, conseguiu tornar realidade os projetos mais audaciosos e que maravilharam os nossos olhos provincianos.

Tudo começou quando, convidado pelo governador Ivan Bichara, aceitou o cargo de Secretário da Educação do nosso Estado.

Aquele era, justamente, o homem certo para o cargo certo. Homem sensível á música, cujos ouvidos todos os dias se alimentavam de sonatas, sinfonias e missas de um Mozart, de um Beethoven, das majestosas aberturas wagnerianas e outras partituras célebres, o jovem Secretário da Educação desejou que o seu pequeno Estado, seu povo tão carente de educação musical, não ficasse marginalizado.

O Secretário da Educação saiu, então, de sua posição de diletante da música erudita, e decidiu transformar a então provinciana e modesta Orquestra Sinfônica numa grande atração cultural e turística. Uma Sinfônica de repercussão internacional. O projeto era audacioso.

Acontece que o jovem Secretário nasceu para as grandes alturas, os gigantescos e audaciosos empreendimentos.

De repente, o povo ficou boquiaberto quando começaram a chegar para cá músicos de vários países da Europa e da América do Sul. Professores de alta qualificação técnica. A Capital paraibana se transformou numa verdadeira Meca da música erudita, com a presença de violinistas, violoncelistas, flautistas, contra-baixos, cujos diferentes idiomas cruzavam o nosso espaço provinciano. Todos unidos na hora dos concertos, harmonizados sob a regência do genial Eleazar de Carvalho, esqueciam-se dos idiomas, e entoavam uma só linguagem: a da música.

E tal foi o êxito desse projeto musical, tal a performance da nossa Orquestra Sinfônica que o próprio maestro Eleazar de Carvalho, em entrevista à imprensa, enfatizou em alto e bom som, com a autoridade e a responsabilidade de um dos melhores regentes do mundo: “A Orquestra Sinfônica da Paraíba é a melhor do país”.

Quer como Secretário da Educação, quer como Governador, Tarcísio Burity procurou estimular as nossas vocações musicais. Ao lado da Sinfônica de adultos, vieram a juvenil e a infantil.

A Paraíba sempre foi um celeiro de músicos, já disse alguém. Burity, sensível a essa realidade, procurou dar melhores condições para que o povo tivesse acesso às grandes partituras da música erudita. O povo não necessita apenas de pão e circo. Ele carece, sobretudo, de cultura. A Fome-zero tem que rimar com analfabetismo zero.

Com a edificação do Espaço Cultural, obra monumental de seu governo, Tarcísio Burity reservou, ali, um espaço para abrigar a Sinfônica, não só no que refere aos concertos, mas no que diz respeito aos ensaios. E nesse mesmo Espaço Cultural, destinou uma grande área, chamada Praça do Povo, para os concertos populares e didáticos.

Tarcísio de Miranda Burity, o filósofo, o professor, o jurista, o estadista, o pai de família exemplar, o esteta, foi antes de tudo um músico. Mais do que isto, foi um compositor, que aparece com o pseudônimo de T. Virgilius. E uma de suas composições um adágio em estilo barroco, mereceu elogio do renomado violoncelista Aldo Parisot.

E como compunha ele? Compunha ao piano, em cujo teclado desabafava os seus sentimentos, as suas tristezas e alegrias. O piano foi um confidente discreto com quem dialogava, nos seus raros momentos de folga.

Certa vez, ele estava em sua casa, tocando uma bonita música ao piano, quando entrou um amigo íntimo, por sinal músico abalizado. O homem ficou maravilhado com o que via e ouvia. Uma partitura que bem podia ser assinada por um grande compositor. O visitante não se conteve e gritou: “que maravilha, Tarcísio!” “De quem é esta música?” Sorrindo e meio encabulado, o pianista confessou tratar-se de uma composição de sua autoria. O amigo era o violoncelista Juarez Johnson.

Música barroca! Não estaria aí a influência da arquitetura barroca do Convento de Santo Antônio que seus olhos de adolescente viam maravilhados?

Tarcísio Burity foi um melômano inveterado. Vivia com a Sinfonia nº 9 de Beethoven na cabeça. E muitas vezes, reunia-se com alguns apreciadores da chamada boa música para ouvir as famosas partituras. Assim foi na casa do advogado Paulo Maia, seu grande amigo e profundo conhecedor de música. E nessas reuniões, sempre nos fins de semana, havia debates entre os presentes.

Já fora do governo, ele nunca se afastou da sua Sinfônica. Estava sempre presente aos seus concertos. Certa vez, quando a Orquestra executou o dramático Réquiem de Verdi, já sob a batuta da maestrina Elena Herrera, perguntei-lhe, no final do espetáculo: “o que achou do Réquiem verdiano?”. Ele, sorrindo, disse: “Uma beleza, embora meu réquiem predileto seja o de Mozart”.

Réquiem de Mozart! Quando elaborei uma série de entrevistas com algumas personalidades da terra, constantes do álbum “A Hora da Verdade” e que foram divulgadas no jornal A União, Tarcísio Burity foi um dos convidados. E ele aceitou ao convite com a melhor boa vontade.

E só para recordar, vejamos algumas de suas respostas, naquela ocasião, que hoje assumem um significado especial. Como ele foi coerente, descontraído e incisivo em seus pronunciamentos!

-Satisfeito com o que é?

Resposta: “Em parte. A vida humana é uma perpétua aspiração”.

- Se tivesse de viver de novo, o que mudaria em sua vida?

Resposta: “teria me dedicado mais à música”.

Cite três coisas que alegam a vida.

Resposta: “o amor, os sons e as cores”.

Cite três compositores de sua predileção.

Resposta: “Bach, Mozart e Beethoven”.

Qual a música que desejaria que tocassem em seu velório?

Resposta: “O Réquiem de Mozart”.

Dir-se-ia que ele tinha uma verdadeira obsessão por essa obra. Música que nos induz a uma profunda reflexão sobre a efemeridade da nossa existência. Música feita de lágrimas, de muito sofrimento, uma verdadeira via-crúcis em que Jesus surge no alto da cruz para perdoar e amar aqueles que não o compreenderam. Música feita de muitas dores

A música - repito - foi sua grande religião. Aquela resposta dada à pergunta - “Se tivesse de viver de novo, o que mudaria em sua vida?” - “Me dedicaria mais à música”.- envolve um sentimento de humildade.

Achou pouco o muito que fez pela música, quando administrador. Tal afirmação dá a medida de sua grande vocação para a chamada Divina Arte.

Tarcisio de Miranda Burity, como estadista dinâmico, assustou a Paraíba com suas arrojadas iniciativas. E dentre estas está a reestruturação da Orquestra Sinfônica, a obra em que mais vibrou o seu amor à música. E como soube reger essa orquestra! Não com a batuta, mas com a sua vontade, a sua coragem, o seu destemor. Não esquecer a grande ajuda que lhe deu a sua irmã, professora e pianista Isabel Burity, com quem muito se identificava. As quatro mãos irmanadas corriam eufóricas pelo teclado.

Quando ele foi eleito para ocupar a cadeira nº 26 desta Academia, quem o saudou foi um ex-seminarista, conhecedor profundo de latim e ainda seu contraparente: o professor Afonso Pereira.

No discurso de posse que proferiu, naquela ocasião, o novo acadêmico rememorou com muita emoção a beleza da arquitetura barroca do convento Santo Antônio anexa à igreja São Francisco.

Escreveu aquele imortal: “Vejam, por exemplo, o que fizeram os construtores anônimos desse conjunto monumental que é o nosso Convento Santo Antônio. Os artistas que edificaram aquela jóia de arte barroca, que é a Fonte do Convento, deixaram para as gerações futuras uma mensagem de fé na grandeza do espírito humano. As suas inscrições, cuja autenticidade latina foi revelada, em primeira mão, pela Glauce, no seu belo livro *História dos Franciscanos na Paraíba através do Convento de Santo Antônio* expressam a consciência do Tempo como dimensão essencial do homem.”

Gostaria de lembrar, aqui, um fato ocorrido em família e que dá a medida do bom humor de Tarcisio. Certa vez, estava sua Glauce mergulhada na elaboração de sua tese de mestrado, isolada em seu gabinete e pedindo para ninguém interrompê-la, quando surge o marido clamando por silêncio. E imediatamente abriu o piano e, sorrindo, começou a improvisar uma alegre melodia no teclado, dizendo: “esta música se chama *Glauzinha estudando para o mestrado*.” Todos sorriram, inclusive a esposa que, naquele momento, estava rodeada de livros e de anotações.

Mas voltando ao discurso de posse, Tarcísio Burity, à certa altura, enfatizou: “Não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança”.

Essa punição ele jamais teria, pois todo o seu trabalho foi útil e cheio de muita esperança e entusiasmo. E isso graças à música, que cultivou e semeou. A música que tanta força lhe deu no cumprimento de sua missão, aqui no mundo. A música que foi o seu maior estímulo na vida.

Era também um apaixonado por Beethoven, principalmente, pela 9ª Sinfonia. E numa costumeira reunião com os amigos, de que participava sua admiradora a Acadêmica Ângela de Castro, ora Vice-Presidente desta Academia, Tarcísio deu uma verdadeira aula sobre a estrutura e sentido daquela sublime partitura. E como ele não se afeiçoasse muito à poesia de Carlos Drummond de Andrade, autor predileto de Ângela, esta, após a reunião, mostrou-lhe o poema do grande poeta, intitulado “Beethoven” e que terminava assim:

*“Boto no pickup o teu mar de música,
nele me afogo acima das estrelas.”*

Comovido, Tarcísio reconciliou-se com o poeta e agradeceu a Ângela por aquela feliz e oportuna informação.

Mas eis que chegamos ao fim desta nossa conversa, lembrando que o nosso homenageado, já perto de seu desenlace, fez dois pedidos. Primeiro: que o seu corpo fosse velado na igreja do Carmo. Segundo: que a música executada fosse o Réquiem de Mozart.

Seu pedido foi atendido. Dir-se-ia que ele se ausentou deste mundo acompanhado de Mozart, embora com uma profunda saudade de sua família, que tanto amou e de sua terra, que tanto beneficiou e dignificou.